

InFormAÇÃO

www.jnd.ifsp.edu.br

Av. Dr. Cavalcanti, N°396, Complexo Argos, Vila Arens – Jundiá - SP – 13201-003 Tel: (11) 2448-8500

Maio Amarelo é o mês direcionado à conscientização e prevenção de acidentes no trânsito.

O ENEM deve ser adiado

Por Karen Rezende e Maria Eduarda Raia

Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tinha como único objetivo avaliar o desempenho dos estudantes de escolas públicas e particulares no ensino médio. No ano de 2009, passou a ter a função de selecionar estudantes para ingressarem em instituições federais através de programas como o Sisu, ProUni e Fies.

No dia 31 de março, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep) divulgou o calendário com as datas do Enem 2020, o que gerou muitos protestos, tendo em vista o cenário atual, com a pandemia do novo corona vírus. A Justiça Federal tentou entrar com uma liminar para que o cronograma fosse readequado. Apesar disso e de muita insatisfação por parte dos estudantes e de algumas organizações, em 4 de maio, o Ministério da Educação (MEC), anunciou que seriam mantidas as datas do calendário do Enem 2020.

Demonstrando puro descaso em relação aos estudantes que pretendiam prestar o Enem esse ano, o MEC produziu um vídeo que traz o lema "A vida [e o Brasil] não pode parar", que trata a situação com normalidade, ignorando completamente que as escolas foram paralisadas desde o início da quarentena, em março, e que os alunos estão sem aula há mais de dois meses, sem contar que algumas escolas nem chegaram a começar o ano letivo. A propaganda divulgada mostra um cenário que diverge da realidade da maioria dos estudantes brasileiros, dizendo para que estudem de "diferentes formas, pelos livros, internet, com a ajuda de professores a distância", tratando como se todos tivessem fácil acesso a esses meios, quando, na verdade, muitos estudantes não têm esses recursos em casa. De acordo com os dados de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), um em cada quatro brasileiros não têm acesso a internet, o que representa cerca de 46 milhões de pessoas. O que o governo nos apresenta desconsidera a dificuldade que muitos estudantes enfrentam, tornando a educação ainda mais inacessível e, sobretudo, injusta.

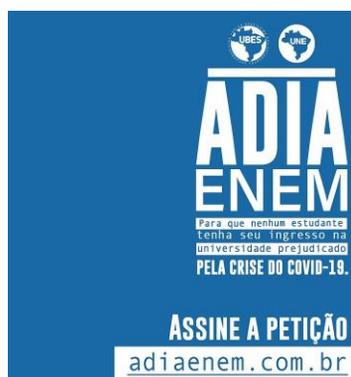
Por meio das redes sociais, o ministro da educação, Abraham Weintraub, afirmou que "o Enem é uma competição, ficou mais difícil para todo mundo", pois na avaliação dele, "aula a distância é aula normal". Reafirmando que o Brasil não pode parar, o ministro afirmou que "no passado, há três anos, dois anos, quem não tinha internet também tinha essa dificuldade de fazer o Enem. Não mudou nada". Em 5 de maio, foi realizada uma reunião virtual com os senadores na qual Otto Alencar (PSD), afirmou que "A maioria dos senadores defende que o Enem seja

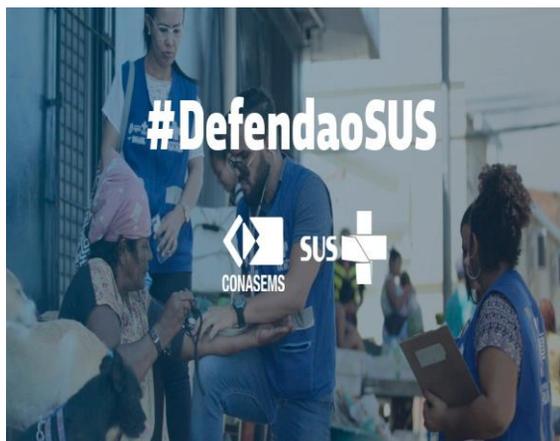
adiado, mas o ministro acha que não deveria ocorrer. Ele não considerou nem o fato de que parte dos jovens não têm acesso à internet" e ainda que "Ele sabe que existem injustiças, mas que o Enem não foi feito para corrigir injustiças, mas para selecionar". As falas do ministro apenas confirmam a desigualdade presente no sistema de realização do Enem, que privilegia pessoas com maior poder aquisitivo no acesso à universidade em detrimento dos mais pobres.

Em 20 de maio, após grande pressão da sociedade e do Congresso, Inep e MEC decidiram adiar a aplicação dos exames em 30 a 60 dias do previsto, prazo que ainda não será suficiente para os estudantes recuperarem o tempo de suspensão das aulas presenciais devido à pandemia.

A educação de emergência à distância não pode ser considerada como "aula normal", tendo em vista que muitos estudantes não conseguem acompanhar as aulas *on-line* e não têm acesso aos materiais necessários e, quando têm, muitas vezes é de forma limitada, por terem que compartilhar com outras pessoas na residência. A maioria dos professores pode ter dificuldades devido à falta de preparo para a realização dessas atividades e para a interação com os alunos por meio de tecnologias. Além disso, uma vez que discentes e docentes estão em casa, muitas vezes acabam sofrendo interrupções por parte de familiares, o que pode atrapalhar a concentração para aprender e ensinar.

O exame já tem um método de avaliação que favorece pessoas que têm acesso a um ensino básico de mais qualidade, e a aplicação da prova ignorando o quadro atual em que estamos todos enfrentando uma pandemia de escala global, dá ainda menos oportunidade de preparação para os vestibulandos que estão com as aulas suspensas, com pouco ou nenhum material de apoio para desenvolver a aprendizagem, o que torna o acesso ao ensino superior ainda mais exclusivo e elitista.





A importância do Sistema Único de Saúde

Por Karen Rezende

Antes da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), a saúde pública era responsabilidade do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (Inamps). No entanto, pessoas com trabalhos informais ou desempregadas não tinham acesso a ela, pois o atendimento era realizado somente para pessoas com trabalho formal (ou seja, com carteira assinada), que contribuíam para a previdência social, e seus dependentes.

Com a criação da constituição de 1988, a saúde passou a ser descrita como "direito de todos e dever do Estado". Nesse momento, um dos maiores sistemas únicos de saúde do mundo foi criado, sob responsabilidade dos três entes da Federação (União, Estado e Municípios). O médico sanitarista Hêider Aurélio Pinto afirmou que "com a criação do SUS, a saúde deixa de ser um bem individual e se torna um bem público".

Cerca de 80% da população depende exclusivamente do SUS, entretanto, até mesmo aqueles que não são SUS-dependentes utilizam os seus serviços de alguma forma, visto que, segundo o Ministério da Saúde, o SUS tem responsabilidade de fornecer atenção de baixa, média e alta complexidade, serviços de urgência e emergência, atenção hospitalar, ações e serviços das vigilâncias epidemiológica, sanitária e ambiental e assistência farmacêutica, além disso, alguns serviços são realizados quase exclusivamente pelo SUS, como o transplante de órgãos, do qual custeia cerca de 96%.

Atualmente, a população brasileira já passa dos 211 milhões de habitantes e, apesar de o Brasil ter proporções continentais, a maior parte dessas pessoas (mais de 80 milhões) está situada na região sudeste do país. A desigualdade na distribuição demográfica não é a única, já que a diferença do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e distribuição de renda nas regiões geográficas é muito grande. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, o número de pessoas na linha da pobreza (com a renda até R\$406 por mês) passou dos 54 milhões e, em 2019, o número de pessoas em extrema pobreza (renda mensal de até R\$105) passou de 13,5 milhões de pessoas. Vale ressaltar que a maior parte dessas pessoas está situada na região nordeste do país.

Neste momento de pandemia, é o SUS que está garantindo o atendimento gratuito, com integralidade, igualdade e equidade a todos aqueles que procuram seus serviços, ou seja, a maioria das pessoas com sintomas, fornecendo os testes, os equipamentos e o tratamento dos infectados. Tendo em vista as taxas de pobreza no Brasil e a quantidade de SUS-dependentes, se não existisse o Sistema Único de Saúde,

principalmente neste período, muito mais pessoas morreriam por não terem condições financeiras para pagar pela saúde privada, ou então fariam dívidas extremamente altas que provavelmente não teriam como saldar.

O SUS não é perfeito. Quem acompanha e utiliza seus serviços sabe de suas debilidades, mas ele assegura, dentro de suas limitações, a saúde e o bem-estar dos cidadãos brasileiros, principalmente para aqueles que não têm condições de pagar planos de saúde. Pregar o fim do Sistema Único de Saúde Brasileiro é completamente irresponsável. Com o fim do SUS, milhares de pessoas ficariam completamente desamparadas, sem acesso à saúde. O SUS é o responsável por prevenir doenças e salvar vidas da grande maioria da população, por isso ele é de extrema importância. Temos que lutar para que ele possa ser melhorado cada vez mais.

A Seleção: 35 garotas e uma coroa

Por Ana Gabriela de Oliveira

Em um misto de distopia e conto de fadas, o livro "A Seleção", de Kiera Cass, conquistou o público infantojuvenil.

A obra conta a emocionante história de uma tradição de Illeá, a Seleção, na qual 35 garotas competem pela mão do príncipe, porém a competição vai muito além de ganhar um lugar na realeza, trazendo oportunidades melhores para as participantes e para seus familiares.

Illeá conta com o sistema de castas, em que a sociedade é dividida em grupos, uns mais ricos e afortunados e outros miseráveis e sem lugar na sociedade. As castas reduzem as oportunidades e limitam as pessoas de acordo com os desejos da realeza.

América Singer, a protagonista dessa intensa história, é da casta 5, na qual todos devem ser artistas ou músicos. Ela tem um namorado secreto, Aspen, da casta 6, em que todos são empregados e fazem o trabalho duro. Por causa da condição financeira do casal, eles não podem levar adiante o relacionamento.

A garota se vê pressionada pela família para se inscrever na Seleção, afinal, trará melhores oportunidades à todos.

As críticas ao governo estão firmadas na obra, mas como um pano de fundo. Na realidade, o ar de "conto de fadas" é muito mais presente, já que o triângulo amoroso entre América, Aspen e o príncipe Maxon é o centro da história, porém ainda há características distópicas que tornam a história mais emocionante aos olhos dos leitores.

Os personagens são cativantes e deixam a leitura mais interessante. É impossível não cair de amores pelo encantador príncipe Maxon ou não se revoltar com as atitudes de Celeste, uma das participantes da Seleção, o que deixa a história mais atraente. Em um roteiro um tanto quanto clichê, é impressionante como Kiera Cass consegue atrair os leitores para uma leitura divertida e intensa. Vale a pena!





Africa is not a country

Pela Garota do Cabelo Azul

Olá, leitores, aqui é a Garota do Cabelo Azul. Há alguns meses, a professora Gabi Alias apresentou à nossa equipe do Jornal InFormAÇÃO a proposta de escrever sobre o projeto Visto África, porém ela acabou ficando engavetada por um tempo. Agora, a pequena ideia, que antes era uma lagarta, torna-se uma bela borboleta de cultura e conhecimento.

Nos últimos dias de abril, decidi pesquisar sobre diversos aspectos da cultura africana, especificamente aqueles encontrados na Guiné-Bissau, terra natal do criador da iniciativa abordada, um país definitivamente belo onde há muita diversidade. A partir dos dados coletados, escrevi as perguntas, buscando entender não só o projeto em si, mas captar a essência que o circunda. Os questionamentos foram enviados em conjunto com uma breve apresentação do jornal a Vensam lala, professor formado em letras pela UNESP, com especialização em literaturas africanas de língua portuguesa e idealizador do Visto África, que respondeu carinhosamente a todas:

Em seu Instagram, você cita várias vezes a frase “Até que os leões comecem a contar as suas próprias histórias, as narrativas de caça sempre vangloriarão o caçador”. Com base nessa citação, eu gostaria de saber o que te motivou a criar um projeto que objetiva a desconstrução das narrativas coloniais/ocidentais, metaforizadas como “narrativas de caçador”?

Moro no Brasil já lá vão 10 anos. Quase todos numa faculdade pública super elitizada e, obviamente, muito branca. Portanto, vejo uma ausência total sobre os conhecimentos das Áfricas, não se tem nenhuma referência de pensadores africanos e o pouco que se tem, quando tem, são narrativas de ocidentais falando de uma África a partir do navio negreiro, ignorando totalmente a História Africana antes da invasão dos europeus. É nela que descobri as mentiras contadas sobre onde vim e das histórias que de lá foram omitidas ou adulteradas, propositalmente. Essa ausência me fez me conhecer enquanto negro, e soube que sê-lo é um problema. E, como se não bastasse, dizem que agora faço parte de uma “minoría”.

Ora, todas essas questões forçaram, de alguma forma, a minha militância nos movimentos de luta para garantias dos direitos dos negros e dos mais vulneráveis socialmente. E obrigou-me a buscar o protagonismo para construção de uma outra narrativa que não é nova, mas que foi omitida. Há um ditado africano que diz:

“até que os leões comecem a contar as suas próprias histórias, as narrativas de caça sempre vangloriarão o caçador”.

A Visto África tem o objetivo de desconstruir toda e qualquer narrativa do caçador (colonial, ocidental) baseada em estereótipos para humilhar e inferiorizar os africanos e seus descendentes. Ela busca contar a história sob o olhar da gente, os caçados, e lembrar que somos muitos, uma verdadeira miscelânea cultural. Para isso, é crucial começar sabendo que ÁFRICA NÃO É UM PAÍS!

Como foi sua jornada na UNESP para se tornar professor? Você sofreu algum ato de preconceito no período em que estudou lá?
A minha jornada enquanto unespiano foi muito rica. A Unesp e o Brasil, de maneira geral, me fizeram enxergar o mundo com outros horizontes. Me fazer compreender enquanto homem e negro numa sociedade muito machista e racista. Alinhar estratégias para enfrentar esses desafios. Enquanto professor que me tornei agora, diria que a Unesp/Assis e os movimentos de luta para garantias dos direitos mínimos, que existem nela, me fortaleceram muito. Eu tive várias experiências de situações de racismo lá também, desde as mais sutis como as mais escancaradas, mas acho que o que mais pega é compreender que o racismo é estrutural e institucional, quando você entra numa faculdade pública e você não vê pessoas como você, ausência total de disciplinas que falam sobre sua história, sua ancestralidade te sentir dentro de um sistema onde você não é contemplado. Isso é uma forma de racismo, principalmente quando se fala de um país que tem o maior número de população negra perdendo apenas para Nigéria, na África.

Recentemente, em virtude da situação devastadora da COVID-19, vi que o senhor, em conjunto com outros imigrantes do continente africano, criaram a iniciativa Ujamaa, buscando auxiliar pessoas que estejam vulneráveis diante da pandemia, enfatizando gestantes e mães solo. Em vista disso, gostaria de saber como tem decorrido tudo isso? E qual a sensação de estar fazendo a diferença na vida de tantas pessoas nesse período em que estamos?

Bom, para mim, não se trata do que fiz ou faço, mas sim do que fizemos e fazemos. Essa iniciativa é feita em família, dos que iniciaram e dos que acreditam e entram nessa família para somar na vida das pessoas. Honestamente, sinto que estou fazendo nada mais que minha obrigação. Eu só sei viver para e em coletividade. O próprio nome Ujamaa, que significa estar em família já procura ressaltar isso, nós somos frutos da união familiar e é em família (dos que precisam e dos que colaboram) que vamos vencer. Sou animal absurdamente comprometido com as causas sociais em prol das famílias e dos mais vulneráveis. Me sinto como se a nossa família (Ujamaa) estivesse vencendo e venceremos essa batalha, juntos!

Fiz uma breve pesquisa sobre a Guiné-Bissau, o país onde você passou grande parte da sua vida. Me parece um lugar incrível. Como foi viver em um lugar com tanta riqueza cultural e linguística? Isso influenciou na escolha de sua carreira?

Viver na Guiné-Bissau, concretamente em Bissau foi muito prazeroso porque passei a melhor fase de minha vida, que foi a fase de adolescência. Particularmente, sinto que poderia ter experimentado mais coisas, eu tive uma educação cristã evangélica muito rígida, cheia de proibições de “issos e aquiloos” e enfim, queria ter vivenciado mais ativamente as realidades e atividades tradicionais da minha etnia. Mas, mesmo assim, tenho uma essência étnica muito enraizada em mim e que preservo com maior carinho e isso que me alicerça nos trilhos que hoje estou a perambular pelo Brasil e mundo afora. Nunca pensei em carreira. Sempre quis ser um jogador de futebol, mas isso não deu certo. Eu tinha que nascer no Brasil para poder jogar bem... Brincadeira, sei de muitos brasileiros pernas de pau também, rs. Enfim, eu sempre pensei em traçar um caminho que faça ser útil para minha família, minha comunidade, meu país, meu continente e meu mundo, acho que fazer Letras é só uma etapa nesse trilho.

Por fim, gostaria que contasse um pouco sobre algum conto, dentro das literaturas africanas, que tenha muito significado para você e dissesse o que o faz importante na sua vida?

Antes de mais, é preciso dizer que a maioria dos contos africanos e os da Guiné-Bissau, em particular, sempre tem um ensinamento, uma lição de moral. Então, por exemplo, o meu avô paterno foi

um tradicionalista, um griot (aqueles que passam os saberes e a tradição para as futuras gerações através de contos) e uma vez me contou que, numa vila bem distante de Bissau, morava um casal que tinha dois filhos. Todos os dias acordavam cedo para ir à lavoura e um dos filhos era muito forte, fazia tudo sozinho. Uma vez, na época da colheita, ele juntou sua cesta cheia de alimentos e tentando carregar não conseguia, chamou então seus pais pedindo ajuda e os pais o perguntaram se ele tinha usado toda sua força para carregar a cesta, ele respondeu que sim, perguntaram de novo se tinha certeza, ele disse que sim. Seus pais então pegaram a cesta e colocaram na cabeça dele e disseram: você não estava usando toda a força que tem porque nós somos parte da sua força. Isso mostra o quão importante é a nossa família. Como que, sozinhos, muitas vezes não conseguimos fazer tudo. E precisamos de ajuda da nossa família e nossa família pode ser as pessoas ao nosso redor.

Após a entrevista, Vensam ainda nos deixou um recado:

Espero, do fundo do meu coração, que essas respostas estejam satisfatórias, de alguma forma. Eduarda, eu adorei as suas perguntas. Muito interessantes e confesso que queria responder em vídeo para me interagir mais com elas e para que possas me sentir mais próximo. Desejo tudo de bom para vocês nesse projeto. Agradeço suas coordenadoras, a Gabriela Alias, Ana Helena e Adriana Fernandes, pelo trabalho e por proporcionarem esse encontro. Dizer a vocês que a luta é árdua, mas vencível. A educação vencerá. Espero que, nesse caos que estamos vivendo em função da COVID, aprendamos a ser pessoas melhores para nós mesmos e para os nossos entes queridos. Cuidem de vocês e de todos. Ubuntu.

O Jornal InFormAÇÃO agradece a participação do professor Vensam lala e o compartilhamento de experiências. Convido todos vocês a conhecerem mais sobre o projeto na página @vistoafrica no Instagram, e também a apoiarem da melhor maneira que puderem, afinal, **juntos fazemos a diferença.**

O futebol nos tempos de pandemia

Por Adhemar Molon

A disseminação da COVID-19 vem causando impactos, de maneira profusa, no mundo todo, afetando todas as áreas, inclusive o esporte. O avanço do novo vírus, caracterizado como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), foi responsável por impactar eventos significativos, dentre eles os grandes campeonatos de futebol, que foram interinamente suspensos e sem presciência de retorno.

Alguns campeonatos prosseguiram com seus jogos no início da pandemia, com os portões fechados. No entanto, essa ação acabou não tendo resultados positivos para evitar a propagação do vírus, já que os torcedores se reuniam do lado de fora dos estádios em grandes aglomerações. Com isso, pouco tempo depois, tal medida foi abolida pela maioria dos clubes e o futebol foi novamente suspenso.

A suspensão dos campeonatos de futebol vem prejudicando muitos clubes no mundo todo. Alguns deles, como forma de preservar as finanças, estão negociando uma redução salarial com os seus jogadores. Um exemplo dessa ação está nos campeonatos franceses "Ligue 1" e "Ligue 2", em que os dirigentes juntamente com os atletas chegaram ao acordo de uma redução provisória dos salários. A proposta é que os atletas que recebem mais de 100 mil euros (R\$ 568 mil) por mês tenham 50% dos vencimentos cortados. Mas o grande problema não está em clubes grandes, está nos pequenos, que pagam pouco mais de um salário mínimo para seus jogadores, e que, devido à estagnação, estão sem seus salários e passam por grandes dificuldades.

Apesar dos riscos, alguns países como Austrália, Turquia, Haiti, entre outros, continuaram com o futebol e ignoraram os perigos à saúde que o novo vírus pode causar tanto a seus atletas como à população. O atual futebol, em sua maioria, está em um momento de tribulação, porém se mantém parado, pois os atletas, presidentes de clubes, organizadores, entre outros, têm a consciência de que a vida vem antes do entretenimento e da diversão.

"O Poço", um filme diferente

Por Madu Tavares



Ilustração: Murilo Donizeti

"O Poço" é um filme bem interessante. Alguns podem não tê-lo entendido totalmente e ter sentido até um certo "nojo" ou indignação frente a pensamentos como "Por que essas pessoas se candidatariam para algo assim?". Contudo, vendo pelo lado crítico, o filme diz muito. Ele pode representar os problemas sociais que vivemos, como a ignorância, a divisão de classes, a forma das pessoas de seguirem ou não as leis e as regras, inclusive o respeito, a sobrevivência e muito mais.

Esse filme é diferente porque, além de ser ficção, nos faz querer entender como se relaciona com o que vivemos. Afinal, a ignorância e a divisão entre classes e pessoas sempre estiveram presentes, assim como o desrespeito ao próximo, visto que o longa-metragem trata sobre como é importante ter empatia. Uma ilustração disso é a cena em que eles precisam dividir comida "farta" em certos níveis em porções iguais para que outros também possam comer, mas a maioria não segue.

Mesmo com toda a ignorância que vemos hoje, nós devemos fazer diferente, podendo seguir os mesmos passos de alguns personagens desse filme. Fazer algo bom a cada dia é fazer a nossa parte. Um lugar melhor precisa de pessoas melhores também, não se esqueça! Para não dar muitos spoilers sobre o filme, paramos por aqui. Caso alguém ainda não tenha visto o filme, assista e tire suas próprias conclusões!

EXPEDIENTE

Editoração/Revisão: Adriana Fernandes, Gabriela Alias e Ana Helena Fiamengui. **Diagramação:** Paula Lúcio.

Jornal desenvolvido por alunos do ensino médio integrado ao técnico em logística do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Avançado Jundiá.